

APRESENTAÇÃO

SOBRE MÚSICA, ESCUTA E COMUNICAÇÃO

Jorge Cardoso Filho¹

Os estudos que articulam problemas e questões do campo comunicacional ao universo da música têm crescido significativamente nos últimos 20 anos, tanto nacional quanto internacionalmente. No Brasil, a articulação em redes de diferentes grupos de pesquisa que trabalham com a relação entre mídia e música Popular, tais como o MUSICOM, MUSIMD, COMUSICA, a partir de 2007. Internacionalmente, desde 1981, com a fundação da International Association for the Study of Popular Music (IASPM) ganhou maior visibilidade as reflexões sobre o tema, amparando, inclusive, pesquisadores do campo da Comunicação. Também a organização de seminários temáticos, promovidos pelos grupos de pesquisadores, a publicação de periódicos específicos ou mesmo de livros lançados sobre a temática demonstram tal fenômeno.

Não se trata apenas de um aumento no número de reflexões produzidas, mas também numa ampliação das perspectivas de abordagem dos fenômenos musicais contemporâneos a partir de uma guinada comunicacional. Daí a necessidade de organizar de maneira mais sistemática essas diferentes formas de estudo.

A discussão foi pautada, inicialmente, de maneira bastante crítica, com os ensaios de Theodor Adorno sobre a relação entre a indústria cultural, a música popular e suas repercussões no juízo de gosto. O ensaio originalmente publicado em 1934 sob o título *Die Form Der Schallplatte* (A forma da gravação), ataca exatamente a necessidade de repetição e de uma experiência fácil, sem profundidade, com a música popular – que fora deslocada para o ambiente privado com as técnicas de reprodutibilidade, gerando tais problemas. Já os ensaios *Sobre o fetichismo na música e regressão na audição* e *Sobre música popular* são, respectivamente, de 1938 e 1941, posteriores, portanto, à chegada do filósofo aos EUA para trabalhar com Max Horkheimer e Paul Lazarsfeld.

Curiosamente, esse é o período de intensas reflexões sobre meios de comunicação de massa e seu poder na constituição da opinião pública e também da política. Adorno, entretanto, não deixa de se preocupar com a forma como lógica industrial e instrumental passam

1 Docente do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia. BRASIL. Email: cardosofilho.jorge@gmail.com

a se inserir nas expressões culturais da sociedade e, conseqüentemente, suas formas de percepção e engajamento – embora esses dois últimos temas de sua reflexão sejam sistematicamente negligenciados pelos pesquisadores. As formulações iniciais sobre a indústria cultural são um importante ponto de partida sobretudo para aqueles preocupados com a economia política da comunicação, da cultura e com as dinâmicas da indústria fonográfica.

Em um outro momento, inserido no contexto cultural pós-guerra, a reflexão produzida a partir das formulações do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (CCCS) de Birmingham apresentou um segundo grande modelo de investigação, que focava as formas como a juventude se apropriava e produzia valores numa cultura cada vez mais marcadamente capitalista – é o contexto dos 60 e as implicações dos movimentos políticos e culturais re-verberaram nas investigações e no universo acadêmicos.

Os questionamentos estavam relacionados à possibilidade de resistência frente a cultura hegemônica, suas subculturas ou mesmo sobre seus estilos de vida, de modo que uma perspectiva de estudo sobre as práticas de sociabilidade dos grupamentos juvenis se configurou. O modo como esses estudos repercutiu no campo da Comunicação possibilitou compreender de que maneira os grupamentos se relacionavam com os bens de consumo culturais, como construía identidades e as estruturas que legitimavam as práticas do grupo. O estudo de Dick Hebdige sobre a subcultura Punk (1979) ou a investigação sobre a resistência expressada por meio de rituais conduzida por Stuart Hall e Tony Jefferson (originalmente publicado em 1976, pela Hutchinson) são cânones que norteiam essas investigações.

Os estudos sobre as cenas musicais e consumo cultural são, normalmente, exemplos dessa perspectiva de abordagem, cujo sucesso se deve, em boa medida, ao estabelecimento de uma visão processual e dialógica dos fenômenos culturais e ao estudo da materialidade das práticas simbólicas na relação com a sociedade em midiatização – que demonstram a dimensão ideológica das ações daqueles grupos.

Por sua vez, o interesse da musicologia pelo fenômeno conhecido como canção de consumo – formato musical articulado aos meios de comunicação – ocorreu entre as décadas de 60 e 70, quando as análises estruturalistas pareciam oferecer respostas fecundas sobre o chamado texto musical – atualmente um conceito amplo, que inclui as gravações, capas de discos, videoclipes, apresentações ao vivo, camisetas e pôsteres. Para a análise musicológica, entretanto, o texto musical se refere aos componentes musicais das canções (melodia, notação, harmonia), incluindo suas letras. Para esse grupo, o foco de investigações estava na dimensão da linguagem musical e no exame do modo de funcionamento das suas estruturas particulares – como a notação, o andamento e os modos.

Os resultados a que chegaram esses pesquisadores nem sempre foram esclarecedores, uma vez que a metodologia de análise privilegiava critérios musicais, algumas vezes, pouco eficientes para a evidenciar os valores da música popular. De algum modo, todo esse empenho em privilegiar o texto musical impossibilitou a apropriação dos aspectos sociais que a escuta da canção popular implicava. Segundo Shuker (1999) essas abordagens consideravam somente de forma incidental o papel do prazer e do corpo na construção das relações com os ouvintes, evidenciando-se a necessidade de uma expansão aos domínios afetivos e a contextualização histórica da música. Trabalhos mais recentes, denominados de New Musicology, estão aprimorando conceitos e ferramentas da Musicologia para aplicá-los de maneira mais adequada à música popular, como feito por Lawrence Kramer (1990), Robert Walser (1993) e Ian Biddle (2006).

Isso significa que, no contexto em que essas reflexões se consolidam, escapa como objeto de análise a dimensão plástica e material da experiência da música, uma vez que a própria expressão musical fica de maneira freqüente, relegada ao segundo plano da análise, como um acessório de ambientação que favorece e/ou possibilita determinadas práticas e comportamentos. Se esses grupos se reúnem em torno de determinados gêneros e/ou expressões musicais é razoável supor que eles possuem experiências comuns – não apenas sociais ou políticas – mas também as experiências provenientes da relação que estabelecem com aquelas expressões.

Partindo da percepção de uma carência de estudos sobre a recepção estética da música popular, devido a preponderância de investigações ou de caráter psicológico preocupadas em aferir o efeito da música no comportamento e personalidade ou de caráter cultural-sociológico, cujo objetivo seria debater a música como fenômeno cultural do cotidiano, com implicações de resistência política e ideológica, passou-se a apostar, então, numa virada estética, retomando conceitos e escritos da disciplina mas numa perspectiva próxima das relações cotidianas.

As primeiras incursões feitas relacionando a reflexão estética e a música popular foram na década de 70. Antes disso, poucas pesquisas tematizaram a relação estética entre os ouvintes e as obras da música popular de forma radical, pois ou duvidavam do aclamado “desinteresse” necessário para a recepção estética – e acusavam tal postura de esconder a reprodução das hierarquias sociais – ou pensavam que a música popular não precisaria de uma reflexão estética, já que teria objetivos de mais ligados à contestação e revolução política que trariam o corpo e a sexualidade como temas fundamentais.

Considera-se, a partir daí, que analisar a relação entre música e comunicação por uma perspectiva estética é uma atividade fundamental. A existência de grupamentos que partilham valores e afetos semelhantes demonstra que há convenções poéticas das obras que só fazem sentido quando cultivadas por determinado grupo. Isso significa que elas devem

ser julgadas a partir dos valores chamados em causa pelos grupos, convenções partilhadas pelos ouvintes, músicos e todos aqueles que compõe o universo daquela cultura, sem mediação de conceitos. Para isso, é preciso pensar uma forma de investigação estética que abarque as dinâmicas características da cultura midiática e dos processos de midiatização.

A distinção conceitual básica para organização desse dossiê está amparada na relação entre escuta e audição. Enquanto a escuta possui um caráter mais ativo, é uma ação exercitada, regida por códigos sociais e técnicos, a audição é uma capacidade de natureza perceptiva, que se relaciona com a sensibilidade, como explica Pierre Schaeffer (1966). Isto implica que embora muitos sons sejam ouvidos cotidianamente, nem sempre eles são escutados – uma vez que o ouvinte não está necessariamente envolvido com eles ou não conhece os códigos para acessá-los.

O aspecto interessante dessa relação, entretanto, não reside na separação inicial entre essas duas dimensões. Na verdade, é a própria dinâmica de incidência da escuta na audição e também da audição na escuta que revela os modos como as ações são tanto informadas por transformações na sensibilidade auditiva quanto transformam a própria sensibilidade, concedendo uma “natureza técnica” a mesma. É essa dupla incidência, portanto, que deve ser ressaltada.

Na esteira das proposições de Schaeffer, pode-se considerar que à medida que a audição é ampliada e/ou reformulada por aparatos técnicos e próteses de todos os tipos, também as práticas de escuta se transformam e adquirem tons instituídos por essa situação. Por outro lado, na medida em que práticas de escuta se desenvolvem em conformidade com os padrões de sensibilidade, pode-se supor que os ouvintes se tornam mais “surdos” para certos estímulos sonoros, determinadas frequências ou timbres, por exemplo.

A incidência dessas questões no campo de estudos de mídia e música se evidencia na medida em que as investigações sobre as conformações de práticas condizentes com as materialidades nas quais emergem certos fenômenos musicais se proliferam, assim como formas de uso do corpo e condutas desenvolvidas em sintonia com um medium – uma competência que remodela da percepção. São estudos que parecem estar menos preocupados com os processo de produção de sentidos e mais interessados nas condições de possibilidade de emergência dos sentidos – numa perspectiva de investigação não-hermenêutica, reivindicada por Hans Ulrich Gumbrecht e Karl Ludwig Pfeiffer em escritos de 1988, originalmente denominados *Materialität der Kommunikation*, traduzidos para o inglês em 1994.

Nesse sentido, o dossiê construído para essa edição transita pelas diferentes abordagens de estudo, demonstrando a multiplicidade de perspectivas presentes no nosso campo e permitindo que o leitor tire suas próprias conclusões sobre a eficiência dos procedimentos adotados.

REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor. The form of the phonograph record. In: LEPPERT, Richard (Ed.). Essays on Music. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2002, p. 277 – 282.

_____. On the Fetish-Character in Music and the Regression of Listening. In: LEPPERT, Richard (Ed.) Essays on Music. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2002, p. 288 – 317.

_____. On Popular Music. In: LEPPERT, Richard (Ed.) Essays on Music. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2002, p. 437 – 469.

BIDDLE, Ian. "On the Radical in Musicology". Radical Musicology, volume 01, 2006. Disponível em: <http://www.radical-musicology.org.uk/2006/Biddle.htm>

GUMBRECHT, Hans; PFEIFFER, Karl. Materialities of Communication. Stanford: Stanford, University Press.

HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony. Resistance through Rituals: youth subcultures in post-war Britain. 2nd Edition. New York/London: Routledge, 2006.

HEBDIGE, Dick. Subculture: the meaning of style. New York: Routledge, 1979.

KRAMER, Lawrence. Music as Cultural Practice, 1800–1900. Berkeley: University of California Press, 1990.

SCHAEFFER, Pierre. Traité des objets musicaux: essai interdisciplines. Paris: Seuil, 1966.

SHUKER, Roy. Vocabulário de Música Pop. São Paulo: Hedra, 1999.

WALSER, Robert. Running with the Devil: Power, Gender, and Madness in Heavy Metal Music. Hanover: Wesleyan University Press, 1993.